



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

1721 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

A visão das professoras sobre o choro dos bebês no ambiente da Educação Infantil
Fernanda Pedrosa Coutinho - FAE - Faculdade de Educação da UFMG
Iza Rodrigues da Luz - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ

Este artigo tem como objetivo analisar as percepções que as professoras têm sobre o choro dos bebês na creche. Apresenta resultados parciais de uma pesquisa de abordagem qualitativa que teve como principal método a observação participante em uma turma composta por 12 bebês, 4 professoras e 1 auxiliar de sala de uma Unidade Municipal de Educação Infantil – UMEI de Belo Horizonte/MG. O referencial teórico conjuga estudos da psicologia histórico-cultural e da Educação Infantil. As observações foram feitas durante o segundo semestre do ano de 2017 e foram registradas em diário de campo. Realizaram-se também vídeo-gravações das interações do grupo e entrevistas semiestruturadas com as profissionais participantes. A análise das entrevistas realizadas conforme a análise de conteúdo temática (BARDIN, 2009) indicou que as professoras percebiam o choro como uma forma de comunicação dos bebês que se relacionava principalmente com as necessidades físicas e biológicas e com o desejo de ter ou querer algo, nomeado pelas participantes como “manha”, “birra” ou “pirraça”.

Palavras-chave: Docência com bebês; Educação Infantil; choro.

A visão das professoras sobre o choro dos bebês no ambiente da Educação Infantil

Resumo:

Este artigo tem como objetivo analisar as percepções que as professoras têm sobre o choro dos bebês na creche. Apresenta resultados parciais de uma pesquisa de abordagem qualitativa que teve como principal método a observação participante em uma turma composta por 12 bebês, 4 professoras e 1 auxiliar de sala de uma Unidade Municipal de Educação Infantil – UMEI de Belo Horizonte/MG. O referencial teórico conjuga estudos da psicologia histórico-cultural e da Educação Infantil. As observações foram feitas durante o segundo semestre do ano de 2017 e foram registradas em diário de campo. Realizaram-se também vídeo-gravações das interações do grupo e entrevistas semiestruturadas com as profissionais participantes. A análise das entrevistas realizadas conforme a análise de conteúdo temática (BARDIN, 2009) indicou que as professoras percebiam o choro como uma forma de comunicação dos bebês que se relacionava principalmente com as necessidades físicas e biológicas e com o desejo de ter ou querer algo, nomeado pelas participantes como “manha”, “birra” ou “pirraça”.

Palavras-chave: Docência com bebês; Educação Infantil; choro.

Introdução

Este artigo foi construído a partir de uma pesquisa de mestrado que teve como objetivo descrever e analisar as expressões de choro dos bebês nas interações entre si e com suas professoras. Apresentamos parte dos resultados tendo como foco as percepções que essas profissionais têm sobre o choro dos bebês na creche. Em nosso entendimento as concepções dessas profissionais sobre os bebês são historicamente construídas e implicam diretamente no trabalho que desenvolvem e no modo como se relacionam com eles. Também nos alinhamos aos estudos que rompem com as visões tradicionais no que concerne aos bebês e os reconhecem como sujeitos ativos e

potentes nas interações que estabelecem entre si e com os adultos não só em contextos familiares, mas também em outros, como nas instituições de Educação Infantil (AMORIM, VITÓRIA, ROSSETTI-FERREIRA, 2000; BARBOSA, 2009).

Cerisara (1999) ao refletir sobre a docência na Educação Infantil nos mostra que as concepções que compõem a identidade das docentes estão relacionadas à história do surgimento das creches e pré-escolas no país, em que prevalece o cuidar na creche e o educar na pré-escola. A predominância de mulheres no exercício da docência alude à questão da substituição materna, o que por sua vez reforça a visão de que não é necessária formação profissional para a educação e cuidado dos bebês e crianças pequenas. Nessa mesma direção, pesquisadores da área apontam a necessidade de políticas públicas de formação inicial e continuada que abarquem o tema dos sentidos do trabalho de cuidar e educar de forma indissociável no contexto da Educação Infantil, sobretudo no trabalho com bebês, considerando suas especificidades (CERISARA, 1999; CAMPOS, 1994; BARBOSA, 2009; KRAMER, 2008; SILVA, 2004). Dentre essas especificidades, destacam-se suas formas de comunicação que consistem em expressões corporais e emocionais, estando entre elas o choro, foco, em alguma medida, de estudos recentes que se debruçaram sobre essa forma de expressão no contexto da creche (MELCHIORI, 2004; PANTALENA, 2010; SANTOS, 2012).

O referencial teórico que adotamos para compreender o choro dos bebês foram as reflexões da psicologia histórico-cultural sobre o estudo das emoções e das interações. No que concerne às emoções e as formas de expressá-las, Wallon (1968; 1971) reconhece as crianças como protagonistas de seu próprio desenvolvimento e que este se dá numa relação dialética entre o biológico e o cultural, sendo a emoção vista como fundante da constituição humana. A partir dos 6 meses, as expressões de choro dos bebês constituem-se como expressões emocionais e não traduzem apenas necessidades biológicas, mas são expressões carregadas de sentidos e significados e é por meio delas que os bebês interagem com os outros adultos. Sendo assim, no processo de desenvolvimento dos bebês, há uma relação dialética entre o cultural e o biológico com relevância para as interações entre os bebês e as pessoas que estão ao seu redor por evidenciar que a constituição psíquica se edifica a partir dos movimentos e emoções do bebê que são interpretados por essas pessoas.

Nesse sentido, é por meio dessas interações que os bebês vão se constituindo como sujeitos (VIGOSTKI, 2007; WALLON, 1968; 1971). Assim consideramos pertinente refletir sobre as expressões emocionais dos bebês na creche, sobretudo as de choro destacando o quão importante são as posturas e as ações dos adultos diante desse choro.

Visões das professoras sobre o choro

Os resultados parciais ora apresentados são oriundos da análise de entrevistas conforme a análise de conteúdo temática (BARDIN, 2009).

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas no segundo semestre de 2017 com as professoras do berçário no ambiente da UMEI em horários acordados com as participantes. Dessas professoras, três são formadas em Pedagogia e uma no curso Normal Superior sendo que duas delas cursaram o Magistério. Em relação à outras formações, somente uma delas estava cursando três cursos à distância de pós-graduação na área da Educação e Educação Infantil. Em relação ao tempo de docência nesta primeira etapa da educação básica, as professoras tinham no mínimo 5 anos de experiência.

Todas as professoras trabalhavam aproximadamente 40 horas semanais, sendo que possuíam dois cargos na rede de ensino. No momento da pesquisa, somente uma das professoras não atuava no berçário nos dois turnos.

Quando solicitadas a completar a frase: “Para você o bebê é...”, as professoras definiram os bebês como sendo tudo de mais especial que há e que “deve ser muito bem cuidado e protegido”. Uma delas ainda afirmou que os bebês representam tudo em sua vida e que cuida deles como cuidaria de seu próprio filho. Duas professoras, apresentavam concepções mais relacionadas a uma visão desenvolvimentista que avaliava o bebê mais pelo que lhe faltava como podemos perceber na fala de uma delas:

(...) o bebê é uma tela em branco, você vai prepará-lo para uma vida... você vai estar preparando, você vai ter todo o tempo do mundo para preparar ele para uma vida futura, cheia de desafios, cheia de expectativas e com o auxílio da família também, porque você não vai ser, não vai ser o líder nesta preparação para eles, você é só parte disso tudo. Você está lá e você foi preparado para fazer a sua parte e então fazer parte disso aí para a gente é muito significativo. (...). (PROFESSORA LAURA, 2017).

Esta centralidade no vir a ser tão presente nesta fala e na metáfora da tela em branco e que já criticada nas outras etapas da Educação Básica se mostra muito presente na Educação Infantil empobrecendo as práticas pedagógicas como constatado por Campos, Füllgraf e Wiggers (2006). Quando questionadas sobre como percebem o trabalho com os bebês e em que consiste sua função, todas as professoras entrevistadas, de modo geral, afirmaram ser um trabalho que necessita de uma rotina fixa, porém com possibilidades de flexibilização considerando também as demandas dos bebês. Uma delas considerou ainda ser um trabalho cansativo e que existem alguns fatores que dificultam esse

trabalho, mas que também é muito prazeroso poder acompanhar o desenvolvimento dos bebês. Uma das professoras entrevistadas afirmou que a experiência de ser mãe contribuiu em grande medida no trabalho que desenvolve com os bebês e até mesmo no reconhecimento e definição do choro deles. Sobre esse choro, ela ressaltou que à medida que convive com eles vai sendo possível conhecê-los e presumir o que estão sentindo.

De modo geral, as professoras afirmaram que ser professora de bebês, é cuidar e educar de forma indissociável proporcionando o melhor para eles e procurando controlar também suas próprias emoções.

Ao buscarmos compreender as percepções das professoras sobre o choro dos bebês, perguntamos a elas sobre quais formas de comunicação que observam nos bebês, o que é o choro dos bebês e como agem diante dele. Em relação às formas de comunicação dos bebês, todas elas afirmaram que eles se comunicam pelos gestos, pelos sorrisos, pelos balbucios e também por meio de algumas poucas palavras. Somente uma das professoras não citou o choro como sendo uma forma de comunicação deles.

Ao destacar as falas mais recorrentes das professoras nas entrevistas foi possível identificar algumas percepções sobre o choro como sendo uma expressão de necessidades físicas e biológicas e como expressão do desejo de ter ou querer algo diferente dessas necessidades, nomeado pelas participantes como “manha”, “birra” ou “pirraça”.

É um motivo para eu investigar uma causa. Se é doença, se é fome, se é birra, se está querendo atenção. É uma forma da criança se expressar e que cabe ao profissional, como aqui é a escola, que está com a criança, investigar a causa daquele choro (PROFESSORA JANAÍNA, 2017)

Um pedido. Um pedido de ajuda. Um pedido de ajuda. Porque eu não consigo ver a outra pessoa chorando se não for de emoção ou se está triste com alguma coisa. E como é que eu vou entender o choro deles? Eu preciso de ajuda, me ajuda porque eu estou com fome, me ajuda porque eu estou incomodado com alguma coisa, ou eu estou machucado. Para mim é um pedido de ajuda (PROFESSORA LAURA, 2017).

Como podemos perceber nas falas acima, todas as professoras afirmaram que o choro dos bebês é uma forma deles expressarem algo que necessitam. Em algumas falas percebemos que as professoras procuravam atender prioritariamente aos bebês que estavam chorando em função de estados biológicos como dor, fome, sono, frio e desconforto.

As vezes tem três ou quatro chorando ao mesmo tempo. As vezes tem um chorando. E aí acho que vem aquela questão, que choro que é este? Primeiro. Acho que primeiro vem isso. Qual que é a primeira necessidade? (...). Tem várias crianças chorando. É um que mordeu. É um que caiu. É um que um tomou o bico do outro. Eu vou pegar a que foi mordida e vou cuidar do machucado primeiro. Acordou chorando, não alimentou de manhã a criança está agitada, está chorosa. Eu posso identificar? Eu não vou afirmar, mas eu vou julgar que aquela criança está chorando porque está com fome. Então eu vou dar uma prioridade para esta criança, porque eu avalio aquele choro dela porque está com fome. Porque se eu fiquei por exemplo, o dia todo na sala eu acho que eu tenho sim possibilidade sim de avaliar isso entendeu? Se eu recebi aquela criança desde manhã e estou com aquela criança, eu consigo sim. E eu conheço aquela criança eu sei que aquele choro dela talvez é porque ela está com fome. Talvez porque ela está de cocô. A fralda está muito molhada e está incomodando. Eu acho que a gente tem que ter um bom senso para tentar assim, ficar atenta a estes choros para a gente dar as prioridades (PROFESSORA CREMILDA, 2017).

Esta postura é bastante recorrente nas instituições de Educação Infantil como foi constatado por Pantalena (2010) que evidenciou que algumas professoras não consideravam o choro como uma expressão de mal-estar e sempre o relacionavam com alguma necessidade física demonstrando que não reconheciam essa expressão emocional como uma forma de comunicação. As ações das professoras de primeiro investigarem e depois buscarem um meio de eliminar a causa do choro também aparece nas entrevistas de professoras realizadas na pesquisa de Melchiori (2004).

Outra percepção das professoras que destacamos trata-se do choro como “manha”, “birra” ou “pirraça”. Elas afirmaram que esse choro é também uma forma dos bebês dizerem algo, mas que elas procuram atender depois, uma vez que possivelmente venha a se tratar de algo que eles estão querendo, mas que para elas não se trata de algo muito importante, citando como exemplos: chorar porque quer o bico, quer colo, porque bateu no outro ou porque quer o brinquedo do outro.

(...). Quando é um choro porque está passando mal a gente percebe também. Agora os outros chorinhos são normais para a gente no dia a dia é até normal, quando está com sono, vai acostumando. Quando está com alguma necessidade, que a gente já sabe mais ou menos, a gente vai olhando, está querendo o bico, está com um pouquinho de sono: Não, está chorando porque o coleguinha tomou o brinquedo dela e a gente viu. O choro para mim é uma forma de comunicação. Eles estão tentando expressar algum desejo ou alguma

Outra professora ressalta que há alguns choros que não consegue identificar e fica indecisa ao responder à essa expressão mesmo que aparente não ser nada. Esta indagação da professora nos sinalizou a possibilidade dela se abrir para uma escuta mais apurada dos bebês de maneira a buscar compreender de fato quais são os motivos para o choro e o que ele pode significar. Guimarães (2011) e Tristão (2004) reforçam esta indicação de que é preciso que as professoras tenham empatia para com os bebês procurando se identificar com eles e se colocando no lugar deles em uma perspectiva da responsividade.

Considerações Finais

O conjunto destas informações construídas com a análise das entrevistas nos indicam que as formas de entendimento das professoras sobre o choro e as ações que adotavam estavam relacionadas às suas concepções de bebê e às percepções de suas funções, predominando a visão desenvolvimentista do bebê como um ser de falta que deve ser preparado para uma vida futura. Sendo assim, a atuação docente ficava mais restrita ao atendimento das necessidades objetivas e imediatas, indicando pouca atenção ao choro como expressão e tentativa de diálogo sobre outros aspectos, como os relacionados a disposição do corpo no espaço e o acesso aos objetos.

Destacamos ainda que todas as professoras compreendiam as expressões de choro como uma linguagem emocional carregada de sentidos e significados para os bebês, contudo, não demonstraram clareza sobre a complexidade dessas expressões e sua relevante função no desenvolvimento e na constituição da identidade e subjetividades dos bebês.

Diante desses resultados reforçamos a necessidade da formação inicial e continuada das professoras/es da Educação Infantil contemplarem às temáticas das emoções e da afetividade.

Referências Bibliográficas

- AMORIM, K. S.; VITÓRIA, T.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. **Rede de significações: perspectiva para análise da inserção de bebês na creche.** Cadernos de Pesquisa, n. 109, p. 115-144, mar. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n109/n109a06.pdf>>. Acesso em: 20/02/2018.
- BARBOSA, Maria C. Silveira. **As especificidades da ação pedagógica com os bebês** Anais do Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas atuais. Belo Horizonte, 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- CAMPOS, Maria Malta. **Educar e cuidar: questões sobre o perfil do profissional de educação infantil.** In: Por uma política de formação do profissional de educação infantil. Brasília: MEC/SEF/DPE/ COEDI, p. 32-42, 1994.
- CAMPOS, M. M.; FÜLLGRAF, J.; WIGGERS, V. **A qualidade da educação infantil brasileira: alguns resultados de pesquisa.** Cadernos de Pesquisa, v. 36 n. 127, p. 87-128, jan./abr. 2006.
- CERISARA, Ana B. **Educar e cuidar: por onde anda a Educação Infantil.** Perspectiva, Florianópolis, v.17, n. Especial, p. 11-21, jul./dez., 1999.
- GUIMARÃES, Daniela de O. **Relações entre crianças e adultos no berçário de uma creche: o cuidado como ética.** São Paulo: Cortez, 2011.
- KRAMER, Sônia. Formação de profissionais de educação infantil: questões e tensões. In: MACHADO, M. L. A. (Org.). **Encontros e desencontros em Educação Infantil.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 117-132.
- MELCHIORI, Lígia Ebner; ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli. **Estratégias que educadoras de creche afirmam utilizar para lidar com o choro dos bebês.** Interação em psicologia, Curitiba, jun. 2004. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3237>. Acesso em:16/04/2018.
- PANTALENA, Eliane Sukerth. **O ingresso da criança na creche e os vínculos iniciais.** Mestrado em Educação: FEUSP, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses> <Acesso em 20/02/2018.
- SANTOS, Núbia Aparecida Schaper. **Sentidos e significados sobre o choro das crianças nas creches públicas do município de Juiz de Fora/MG.** Doutorado em Educação: UERJ, Rio de Janeiro, 2012.
- SILVA, Isabel de O. e. **Profissionais de creche no coração da cidade: a luta pelo reconhecimento profissional em Belo Horizonte.** 2004. 297f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004
- TRISTÃO, F. C. D. **Ser professora de bebês: uma profissão marcada pela sutileza.** Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação: UFSC, Florianópolis, 2004.

VIGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 7ª ed. SP, 2007.

WALLON, H. **A origem do caráter na criança**: os prelúdios do sentimento de personalidade. São Paulo; Difusão europeia do livro, 1971.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70. 1968.